

CENTRO 100%

"As contínuas reformas na nossa cidade - a cidade é a nossa casa - nos transformam em forasteiros. O progresso é uma ação de despejo em execução". A frase, tirada do perfil de uma amiga de Facebook é atribuída ao pintor Iberê Camargo. Ao saber que a ACIF fez um projeto para "revitalizar" a antiga Praça da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, senti arrepios ao perceber como os sentimentos desvelados pela frase são verdadeiros.

Em 1988, último dos anos do governo interino de Ary Balieiro (que substituiu o prefeito que largou o cargo eleito pelo povo para ir ganhar dinheiro na VASP), a Prefeitura apresentou um projeto de reforma da praça e fizemos um movimento contrário, evitamos o pior. O projeto destruiria completamente a praça existente. Construída no final dos anos 1950 pelo prefeito Onofre Gosuen com projeto do arquiteto Luiz do Couto Rosa, havia destruído a anterior (muito mais bonita, por sinal) projetada pelo arquiteto francês J.E. Chauvière em 1933, que havia substituído a primeira delas, de 1909. Em 2000, já contei aqui, a empresária dona do Magalu capitaneou e obteve recursos privados para uma obra de reforma da praça que não era prioridade do orçamento municipal, então voltado para a chamada "inversão de prioridades" – atender a periferia sem infraestrutura. A praça manteve suas características principais e a intervenção não resultou em destruição, mas em melhoria da infraestrutura oferecida.

Sei que Franca é uma cidade em constante transformação e expansão, que requer obras e investimentos públicos em infraestrutura urbana. No entanto, quero lembrar uma coisa que aconteceu nos anos 1980 e agora de novo. Lá no final dos anos 80, o renomado professor e arquiteto Hugo Segawa da FAU USP, um dos maiores especialistas em patrimônio cultural do país, veio a Franca e procurou os prédios que meu livro "Franca, itinerário urbano" de 1983 mostrava e não encontrou, a maioria havia sido demolida. Quarenta anos depois, o professor Elísio Estanque da Universidade de Coimbra, que está na cidade como professor visitante na UNESP viu as imagens da cidade em meu novo livro "Vila Franca D'el Rey", espantou-se ao não encontrar mais nada e perguntou como puderam destruir patrimônio arquitetônico tão rico e substituir pelo que está ali agora?

Durante o governo municipal do PT, com apoio da USP elaboramos um projeto para o centro da cidade, o Programa Centro 100%, que atuava em vários eixos integrados: ampliar a oferta de habitação no centro, pois a população estava se mudando e envelhecendo, melhorar a infraestrutura dos passeios e a paisagem ocupada por publicidade excessiva, aumentar o tempo de estada das pessoas no centro através de atividades culturais e lazer aproveitando a boa infraestrutura (sem moradores, o centro "morre" após as 18 horas, aumentando insegurança) e reutilizar o parque imobiliário envelhecido da Rua Voluntários da Franca.

Tudo isso foi descontinuado pelas gestões posteriores. De lá para cá, os problemas só se agravaram, potencializadas ainda mais pela pandemia e pelo desgoverno Bolsonaro. Aumentou o descontrole do comércio informal, a publicidade invade até os passeios, moradores diminuíram, dezenas de edificações residenciais e comerciais estão abandonadas ou vazias, moradores de rua e usuários de drogas aumentaram muito. Sem uma política pública permanente com ação integrada, coordenada e duradoura, a resposta para melhorar o

centro da cidade certamente não é só “revitalizar a praça”. Mudar isso dá trabalho, é complexo, demorado e preferem apostar na velha maquiagem.

Mauro Ferreira é arquiteto